



**Obra em Progresso:
O blog como canal de debate e invenção cooperada entre o artista e o público¹**

Carlos André Carvalho²

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco.

RESUMO:

Os blogs, que surgiram como meros diários digitais de pessoas comuns, mesmo com públicos limitados, mas ativos, tiveram seus usos cada vez mais diversificado ao longo dos anos. Hoje são utilizados pelas organizações, jornalistas, políticos, escritores e outras personalidades para os fins mais diversos. O compositor Caetano Veloso, por quase dois anos, lançou mão de um blog, o Obra em Progresso, para não só tornar pública suas opiniões sobre os assuntos que estavam na ordem do dia (política, música, literatura, sociolinguística etc.), mas como ferramenta para trocar ideias com os fãs e, com a ajuda destes, através de *comments* aos seus *posts*, criar o seu próximo CD. Com esta iniciativa, o compositor conseguiu ampliar ainda mais os gêneros do blog.

PALAVRAS-CHAVE:

Conteúdos digitais; Blog; Internet; Obra em Progresso; Caetano Veloso

Blog: um canal em permanente transição

Além do desenvolvimento de sistemas ágeis de distribuição de mensagens e uma oferta massiva de informações, a internet também difundiu formas de textualidade subjetivas e opinativas que antes dela não encontravam espaços adequados de

¹ Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professor da Universidade Salgado de Oliveira (Univero), Faculdade Pernambucana (Fape) e Faculdade Joaquim Nabuco (FJN), no Recife. E-mail: carzandre@hotmail.com.



visibilidade pública. Os blogs chegaram para suprimir essa demanda e terminaram contribuindo para uma prática comunicativa mais livre, do ponto de vista da textualidade. O blog – weblog ou blogue –, página na internet na qual o usuário tem liberdade para colocar informações que lhe convierem, desde que não sejam criminosas, é uma espécie de diário ou carta aberta. O usuário (blogueiro) pode postar (palavra aportuguesada do verbo inglês *to post*) conteúdos na hora que desejar. O advento desta ferramenta como um tipo específico de página da internet data dos primeiros anos da década de 1990, quando se dá a criação da World Wide Web.

A primeira definição de *weblog* é a de um site dedicado a indicar e comentar *links* para outros *sites* da internet. O termo *log*, dentre outras definições, significa um registro cotidiano de atividades. Já o prefixo *web* é uma abreviatura da World Wide Web (WWW). Weblog, então, seria o registro de atividades na *web*, o que se relaciona com o objetivo inicial dos primeiros autores de *blog*, que, segundo Träsel, era o de guardar um arquivo de referências interessantes, numa época em que as ferramentas de busca ainda eram muito pouco desenvolvidas (2009, p. 95).

Mesmo dirigidos a audiências limitadas, embora mais ativa que a do jornalismo tradicional, os blogs possuem uma linguagem mais subjetiva e informal (Foletto, 2009), com textos mais opinativos ou pessoais que expressam a subjetividade do autor, o blogueiro. Para Recuero (2003), os blogs se caracterizam como discursos pessoais, apresentando uma linguagem reflexiva e analítica, o que não quer dizer ausência de informação, pois, de acordo com Chaparro (2008), informação e opinião estão inevitavelmente associadas em qualquer texto jornalístico; as próprias escolhas do jornalista, no ato de narrar o fato, são determinadas por critérios subjetivos.

Os blogs só tornaram essa subjetividade mais explícita, mais presente no dia-a-dia do jornalismo, principalmente no jornalismo on-line. O começo deste fenômeno, desencadeado nos Estados Unidos, teve início com a criação do site www.blogger.com. Os textos dos blogs podem ser curtos, longos, fragmentados, seqüenciais; acompanhados de fotos, ilustrações, áudios, vídeos; podem discutir cotidiano, notícias jornalísticas, meio artístico, política, sociedade, cultura de massa, ciências, esportes.

Também podem ser confessionais (autobiográficos), reflexivos, humorísticos, artísticos e literários. A interatividade é uma condição primordial para a existência deste ambiente no qual são sugeridos acessos a outros blogs, em colunas de *links* (os chamados hipertextos). O leitor, ao visitar várias páginas acaba se familiarizando com o



estilo de seus autores, temáticas recorrentes, traços geracionais e propostas editoriais, assim no como nos livros impressos.

Marcuschi (2005, p. 29), em suas reflexões sobre gênero do discurso eletrônico, diz que blogs são “diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos”. A definição dele pode até ser válida, mas não contempla mais a heterogeneidade das práticas na blogosfera, termo que representa o mundo dos blogs, ou os blogs como uma comunidade ou rede social.

Os blogs envolvem outras linguagens que conferem características diferentes, muito mais complexas, como, por exemplo, o caráter público e digital, que dão outra amplitude a eles. Com a utilização para as finalidades mais variadas hoje, o conceito de blogs como diários ficou limitado. A definição de Marcuschi aplicar-se-ia a apenas um dos gêneros de blog, o pessoal, mas não aos outros gêneros que surgiram depois, como os organizacionais ou grupais.

Ao categorizar os tipos de blogs, Recuero (2003, p. 3) os divide em diários (que tratam basicamente da vida pessoal do autor), publicações (comentários sobre diversas informações), literários (contos, crônicas ou poesias), *clippings* (*links* ou recortes de outras publicações), mistos (fundem *posts* pessoais e informativos, comentados pelo autor).

Por sua vez, a categorização de Herring, Scheidt e Bonus (2004, p. 23), posterior a de Recuero, divide os tipos de blogs em cinco categorias distintas: diário pessoal (com informações pessoais do usuário), filtro (comentários sobre atualidades), K-log (registro e observações sobre um domínio do conhecimento), misto e outros. Diante desta categorização, Primo (2008, p. 17), adverte que as categorias “misto” e “outros” englobariam uma imensa quantidade de blogs com diferenças significativas entre si.

Outro direcionamento comum é propor uma categorização por temáticas: blogs jornalísticos, políticos, educacionais etc. Ainda que seja importante observar-se a tematização principal de um blog, tal procedimento não é suficiente para analisar-se com profundidade o fenômeno do blogar em sua complexidade (PRIMO, 2008, p. 17).³

³ No trabalho, o autor propõe um método para a tipificação de blogs. A partir desse procedimento, 16 gêneros de blogs são definidos e discutidos. Com base nessa proposta, conduz-se uma avaliação estatística de 5233 posts, publicados em agosto de 2007, nos 50 blogs mais populares no Brasil. Como a proposta do presente trabalho não é discutir gêneros de blogs, o autor preferiu não se estender no assunto.



Uma das características mais importantes dos blogs é a de que as informações contidas neles circulam digitalmente em lugares públicos e isto termina possibilitando o confronto dos leitores com outras realidades, conferindo um caráter mais dinâmico ao processo. Ser público prevê a possível presença do outro, um espectador oculto – no caso dos blogs, o leitor – que espera encontrar determinados traços na escrita. Mas este outro também pode inibir a escrita sobre determinados assuntos. O caráter digital confere um fluxo acelerado ao processo, facilitando o acesso a muitos outros blogs e à montagem de redes, acelerando as postagens e, por vezes, diminuindo o tempo de produção da informação a ser postada.

Os *blogs* proporcionaram a discussão e o debate, bem como a troca de informações entre autores e leitores, modificando, de modo considerável, o fluxo de comunicação característico dos veículos de comunicação de massa através dos quais nossa sociedade acostumou-se a escutar. (RECUERO, 2003, p.12).

O ponto de vista pessoal ou a visão de mundo do blogueiro na maioria das vezes se fazem presentes nos textos dos blogs e constituem marcas de identidade destes formatos. A instantaneidade na atualização permite uma linguagem mais espontânea e um estilo textual mais livre, pois no blog não há a necessidade de se seguir regras. Vale lembrar, ainda, que a popularização do uso de blogs transformou também cidadãos comuns em formadores de opinião e difusores de ideias.

Orihuela (2007, p. 10) diz que a blogosfera integra o que ele chama de “novo cenário midiático” e complementa as funções dos meios de comunicação tradicionais, já que traz textura e ponto de vista pessoal ao modo como os temas da atualidade são abordados, criando agendas paramidiáticas de grande interesse para as comunidades especializadas. “A crise da objetividade, um valor antes sagrado no jornalismo, e a evolução em direção a uma informação mais repleta de análise e comentário, mais próxima ou contaminada pela opinião, têm muito a ver com o surgimento do blogar (...)” (Orihuela, 2007, p. 70).

De acordo com Rodrigues (2006, p. 64), uma outra característica que ser observada sobre o blog é o rompimento com o tradicional modelo emissor-receptor. Isso acontece porque “os meios de comunicação social deixaram de ter exclusividade de publicação e a audiência passou a ter também esse poder”. Para a autora (2006, p. 67), o maior atrativo dos blogs, “o verdadeiro impulso que desperta os sentidos de milhares de



utilizadores”, talvez seja o fato de os blogueiros serem, ao mesmo tempo, “informadores, comentadores, editores ou simplesmente escritores, de diários íntimos ou de assuntos de interesse público”, ou seja, o público, que antes era receptor, passou a ter “o poder nas mãos, algo que nunca tinha sido tão fácil”.

Já Salaverría diz que os blogs podem ser considerados espaços adequados para novas formas dialógicas de exposição e debate de idéias, ainda mais se vistos como gêneros argumentativos, como as colunas dos jornais. “O weblog se configura como uma tribuna pessoal em que cada autor escreve informações e comentários sobre temas diversos. E nisto, os weblogs lembram muito as colunas pessoais dos jornais” (2005, p.165). Os blogs se caracterizam mais por comentar do que informar. Mas, ao contrário da coluna tradicional de outros meios de comunicação, oferecem o recurso da postagem de comentários dos leitores, o que potencializa o diálogo entre estes e blogueiro.

O blog de Caetano: ciber-obra em progresso

No dia 28 de abril de 2008, o compositor baiano Caetano Veloso, estreou uma série de oito concertos, intitulada *Obra em Progresso*, na casa de espetáculos Vivo Rio, no Rio de Janeiro. A proposta era uma vez por semana apresentar um show com repertório e convidados diferentes. Era também apresentar as músicas que estavam sendo compostas para o próximo disco dele – que seria batizado de “Zii e Zie”, lançado em 2009.

Canções que tinham acabado de ser compostas eram apresentadas no palco e aprimoradas em shows diferentes a cada semana. Apesar de não ter sido concebida com esta intenção – na época Caetano alegou que resolveu agir assim inicialmente apenas como uma maneira de ficar mais tempo no Rio de Janeiro, depois de anos de muitas e demoradas excursões nacionais e internacionais –, a proposta tinha tudo a ver com questões centrais que o surgimento da internet coloca para a produção cultural contemporânea.

Depois de assistir o segundo show da série, o antropólogo Hermano Viana propôs ao próprio Caetano Veloso que o processo “analógico” que o público presenciava no show fosse acompanhado e aprofundado por uma versão digital (possibilitando também, para quem não estiver presente na “real life” dos shows o contato com o que estava acontecendo lá). E o mundo cibernético paralelo teria lugar com a criação do blog, que



entraria no ar, e que é uma outra obra em progresso, ou como o próprio Viana preferiu chamar, “ciber-obra em progresso”.

O blog *Obra em Progresso* estreou em junho de 2008 e ficou no ar até abril do ano seguinte. Além dos *set list* dos concertos que iam sendo realizados, a relação dos convidados – que iam de Teresa Cristina a Jorge Mautner – para cada apresentação, as letras das novas composições, Caetano postava, semanalmente, seus *comments*, escrevendo com um apetite foraz. Como um cidadão contributivo para a “construção social do conhecimento” dentro de uma comunidade virtual, Caetano Veloso colocava em pauta temas que iam de sociolinguística a Noel Rosa, passando por Edith do Prato e Fidel Castro. Também comentava filmes e a qualidade artística das trilhas sonoras. Entravam também na geléia geral do blog crítica de shows e análises livros.

Em visitas ao blog constatava-se como o artista, no diálogo com os internautas, proporcionava um espaço de comunicação, além de proporcionar a discussão e o diálogo, o processo de debate e a invenção cooperada”, como bem lembra Maia. O processo de humanização do artista dava-se, principalmente, porque o blog o afastava do cômodo lugar mito da MPB, para expressar-se livremente por meio de *posts*, ler comentários e dialogar com leitores do blog, que ele mesmo batizou de “obreiros”.

O blog enquanto espaço de comunicação representa, segundo Rocha (2003, p. 73), “uma nascente sociedade pós-moderna que privilegia o reconhecer-se no outro, a partir do compartilhamento de sentimentos, idéias e atitudes”. Mas no caso do *Obra em Progresso* o relacionamento com a audiência extrapolou o plano virtual. Caetano Veloso passou a se encontrar com os leitores, formando um grupo que logo ficou conhecido como “turma do blog”.

Com isso, o compositor quebrou o que Rojek chama de parassocial na relação mediada entre fã (“um consumidor anônimo”) e celebridade (“um rosto público”): “Relações de intimidade construídas através da mídia, e não pela experiência direta e encontros cara a cara” (Rojek, 2008, p. 58). O *Obra em Progresso*, tendo-se em mente as idéias de Rocha (2003, p. 74), contribuiria para uma “retribalização de grupos da sociedade, através do desenvolvimento das novas tecnologias”, pondo em prática a vivência coletiva de “preceitos como o presenteísmo, tribalismo, estar-junto, ideal comunitário e hedonismo”.

Para estimular a participação dos comentaristas e a interferência destes em suas decisões artísticas, no dia 10 de dezembro de 2008, o blog promoveu uma eleição entre



duas versões do samba “Incompatibilidade de gênios” (João Bosco e Aldir Blanc), interpretadas por Caetano, que seria incluída no repertório de “Zii e Zie”. A votação era feita depois de os internautas assistirem a dois vídeos com versões diferentes da mesma música. Durante 13 dias de votação, 265 visitantes se manifestaram e venceu a versão 2, com 163 votos (ou 61,5%), resultado atestado pelo próprio Caetano Veloso em 23 de dezembro.

Em civilizado convívio com os interagentes do seu blog, Caetano Veloso empresta relevo especial às suas respostas: para a jovem compositora Bárbara, de Oklahoma (EUA), ele teve a gentileza de replicar em inglês, conversando com ela sobre temas étnicos e políticos, a partir da eleição de Barack Obama para a presidência dos Estados Unidos, no *post* denominado “Tom Zé, Mariana, Barbara & David Byrne”, de 19 de novembro de 2008.

Outro exemplo de comunicação com os comentaristas no blog: ao resenhar um show da banda baiana Cascadura, realizado em Salvador, o compositor provocou um leitor que antes havia expressado um pensamento supostamente redutor do gosto crítico-musical do artista: “assim Glauber Guimarães vê que eu sei que a Bahia não pode nem parecer ser só música de carnaval”, em *post* de 27 de dezembro de 2008.

Para comprovar a interação do blogueiro Caetano Veloso com seus interagentes, o autor deste artigo postou o seguinte comentário no dia 28 de novembro do mesmo ano:

“Caetano, veja que coisa engraçada: na semana passada eu estava lendo um livro do Stendhal chamado “Do Amor”. Lá pelas tantas me deparei com a seguinte frase: “Se chegarmos assim a preferir e amar a felicidade, é que nesse caso a felicidade é beleza”. Achei isso maravilhoso, mas não é tudo. No final da frase tem uma indicação para uma notinha de roda-pé, que diz: “A beleza não é senão a PROMESSA DA FELICIDADE. A felicidade de um grego era diferente da felicidade de um francês de 1822. Vide os olhos de Vênus de Médicis e comparei-os com os da Madalena de Pordenone (em Somaria)”. A única diferença do verso de “Lindeza” é que você diz “promessa DE felicidade” enquanto na tradução do livro a frase é “promessa DA felicidade”. Não sei se em francês ambos (da e de) são escritos da mesma forma. Mas isso não vem ao caso. Só queria registrar que fiquei muito feliz ao descobrir que numa canção que eu adoro há uma referência a uma frase de um livro que me revelou tantas coisas sobre o amor. Não é a primeira vez que acontece isso comigo (encontrar em algum texto uma frase ou expressão que está em uma música sua). Parece um ímã (...).



Continuando, o autor deste artigo fala de um outro exemplo: o conto “Notas do Subsolo”, de Dostoiévski, em que autor russo escreve:

“Mas seja como for, ‘duas vezes dois quatro’ é uma coisa bem insuportável. ‘Duas vezes dois quatro’, na minha opinião, respira imprudência. ‘Duas vezes dois quatro’ nos desfigura insolentemente. De mãos nos quadris, ele se nos atravessa no caminho e nos cospe na cara. Admito que ‘duas vezes dois quatro’ seja uma coisa excelente, mas se é preciso louvar tudo, eu vos direi que ‘duas vezes dois cinco’ é também às vezes uma coisinha muito encantadora (...)”.

O autor deste artigo, acrescenta, então, que depois de ler o conto lembrou da música “Como Dois e Dois”, de Caetano Veloso, que foi feita em Londres, em pleno exílio, e ficou imaginando – caso o compositor tenha lido esse conto naquele período – como estava se sentindo – inclusive lembrou que “Não Tenha Medo”, também de Caetano e da mesma safra, ajudou-o a chegar a esta conclusão.

No dia seguinte, estava lá a resposta de Caetano, que demonstrou ter uma memória invejável, trazendo a tona lembranças do fundo da baú para responder a pergunta. A resposta de Caetano Veloso dizia:

Carlos André, eu botei “promessa de felicidade” em “Lindeza” porque adoro a frase de Stendhal. Li “Noites brancas” anos antes de escrever “Como dois e dois”, mas só vim a ler as “Notas do subsolo” bem depois. O “ $2+2=5$ ” da minha música veio de George Orwell (mas, sinceramente, adorei quando li em Dostoiévski, pois nele a soma tem um sentido mais perto do que eu intuo na letra da minha música - embora ela fosse também de protesto contra a ditadura: Roberto me pediu uma canção e eu quis ouvir uma frase de protesto na voz dele).

A partir da convivência virtual com colaboradores do blog, Caetano Veloso terminou ficando amigo de muitos deles, um exemplo é o do compositor paulistano Fernando Salem, com quem Caetano dialoga, em *post* de 6 de dezembro de 2008, sobre o sambista Nelson Cavaquinho:

Salem, você também lê meus pensamentos. A música de Nelson Cavaquinho que eu mais canto em casa é “Rugas”. E gosto mais de Nelson do que de Cartola, se é que se



pode falar assim. Eu o conheci bastante e ele, com aquela cor de cerâmica e cabelos prateados, era o caboclo mais lindo.

A partir dessas discussões, Salem compôs “Rugas na Pele do Samba”, que Caetano Veloso ficou conhecendo, em Salvador, em um dos encontros da turma do blog. Na passagem da turnê de “Zii e Zie” por São Paulo, com Salem na platéia, Caetano incluiu a música no *set list* do show. Depois disso, aceitou o convite de Salem para gravar com ele a música no CD homônimo, lançado em meados de 2010.

Outro diálogo que merece registro foi o travado entre o blogueiro e o comentarista Gravataí Merengue em que Caetano compartilha conhecimentos de antropologia e sociologia africana, em *post* de 10 de novembro de 2008:

Africano não quer dizer negro. Mas mesmo que todos os africanos fossem pretos, seria racismo designar povos tão variados (inclusive fenotipicamente), oriundos do maior continente da Terra, por uma só palavra. Iorubanos não são bantos, malineses não são bundos, haussás não são gege. São povos com histórias diferentes e muitas vezes tingidas de inimizades milenares.

Já há algum tempo a internet se transformou numa importante fonte de informação para o compositor Caetano Veloso. Antenado com a imprensa internacional, via web, ele descobriu que a banda britânica Arctic Monkeys – símbolo da era digital por ser um dos primeiros a estourar na rede antes de lançar o álbum de estreia. Foi Caetano quem apresentou o conjunto aos integrantes da banda Cê – o trio formado por Pedro Sá, Marcelo Dias Gomes e Marcelo Calado, que acompanhou o artista nas turnês de “Ce” e “Zii e Zie”.

O compositor também se mostra muito receptivo às mudanças na forma de se produzir e difundir música hoje com a internet. Isso fica claro numa entrevista dele à revista Bravo, em fevereiro deste ano:

Não consigo sentir como negativas as mudanças que vêm ocorrendo. Faz parte de uma revolução liderada pela tecnologia e com conseqüências sobre a distribuição da informação. Gosto de ver YouTube, escrever e-mails e olhar no Google. Não acho que as tentativas de voltar ao tipo de recolha de direitos da era do disco sejam realistas ou mesmo saudáveis. Sou um mulato democrático” (...) “O ouvinte pode escolher mais. Mas também pode isolar-se mais. Não gosto da tendência de cidades tipo Los Angeles povoadas por tribos que se formam na internet. Algo melhor do que isso vai surgir. É a



vida. Palavras como “comunidade” e “tribo” não me atraem. O essencial do aspecto universalista que era caricaturado na época do disco e dos ídolos voltará com a força do recalçado.

No último *post* do *Obra em Progresso*, Caetano se despede das relações virtuais que o processo de criação de “Zii e Zie” possibilitou. A influência das interações da internet fica evidente em algumas canções do álbum, que possuem uma face blogueira. É o caso, por exemplo, de “Base de Guantánamo”, que gerou um bate-boca pelos jornais entre ele e Fidel Castro.

A propósito, numa entrevista à *Revisa Up!*, edição 18, respondendo à pergunta sobre qual o sentimento, a relação que ele criou através do blog com seus fãs, Caetano responde:

Fiquei amigo pessoal de alguns visitantes constantes do blog – e eles se tornaram amigos entre si. Tem havido encontros físicos entre essa gente e eu tenho gostado muito. Senti um pouco de saudade do blog. Mas logo eu estava estreando show e encontrando as pessoas em carne e osso. E, além disso, há um certo alívio em não ter que escrever e ler todo dia.

Na era da pós-revolução digital, uma das mais importantes mudanças de hábito para aqueles que vivem mais intensamente a relação com a música midiática ultrapassa a discussão sobre baixá-la gratuitamente ou pagar para ouvi-la e se concentrar no processo da obra do artista. Como bem nos lembra Bruno Maia, nessa “nova era” não é a arte gráfica, a capa, o encarte do disco vindouro, quiçá nem o nome, que suscitam a imaginação”.⁴ De acordo com o blogueiro, chegou-se a acreditar que os websites dos artistas tomariam tal papel, mas cada vez mais, eles são apenas um portal de redirecionamento para os *profiles* nas diversas comunidades.

Com o blog *Obra em Progresso*, o compositor Caetano Veloso mostrou que as pessoas hoje querem muito mais do que saber qual será a estratégia de lançamento do seu próximo CD ou se o DVD trará ou não *making-of* como bônus. É como se o artista já soubesse que, para seus fãs, o melhor da festa não é mais esperar por ela, mas que o viajar é mais que a viagem. E, lançando mão da internet, ele vai além e convida as pessoas a intervirem no seu trabalho.

⁴ “A era do durante”. In: <http://smusica.blogspot.com/2008/06/caetano-veloso-obra-em-progresso.html>. Acesso: 10 jun. 2011.



É um artista com mais de 40 anos de carreira dando sua contribuição para pensarmos a música nesses tempos de internet, assim como fez o grupo Radiohead ao oferecer seu CD “In Rainbows” pelo preço que o consumidor quisesse pagar. O blog *Obra em Progresso* é um exemplo concreto dessa assertiva, dentro do universo cibercultural – e tecnossocial.

Referências bibliográficas

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques D’aquém e D’além mar. Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.

FOLETTTO, Leonardo. (no prelo) **O Blog jornalístico (Definição e Características na Blogosfera Brasileira)**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, agosto 2009.

HERRING, S. C; SCHEIDT, L.A.; BONUS, S.; WRIGHT, E. **Bridging the Gap: A Genre Analysis of Weblogs**. In: Proceedings of the 37th Annual Hawaii International Conference on System Sciences. **Anais**. Havaí: 2004.

HECKLER, Bárbara. “Um clássico plugado no novo”. In: Revista Bravo! Edição 162. Abril. Fevereiro de 2011.

LOPES, Luis R. “Coração vagabundo & outras estórias tropicalistas”. In: Revista Up! Ed.18. 2009

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antônio Carlos (eds.), **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ORIHUELA, José Luís. In: ORDUÑA et al. **Blogs: revolucionando os meios de comunicação**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

ROCHA, Paula Jung. **Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade**. Revista FAMECOS. Porto Alegre: n° 22, dezembro 2003.

PRIMO, Alex. **Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa**. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2008, Natal. **Anais**, 2008.



RODRIGUES, Catarina. **Blogs e a fragmentação do espaço público**. Covilhã: Labcom, 2006.
Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/livros/labcom/pdfs/rodrigues-catarina-blogsfragmentacao-espaco-publico.pdf>. Acesso em: 12 jun.. 2011.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais**. 2003.
Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>. Acesso em: 10 de jun.
2011.

ROJEK, C. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción periodística en internet**. Pamplona. EUNSA, 2005.

TRASÈL, Marcelo. **A vitória de Pirro nos blogs: ubiquidade e dispersão conceitual na web**.
In: AMARAL, Adriana. MONTARDO, Sandra. RECUERO, Raquel. *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. p. 93-108. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

<http://www.obraemprogresso.com.br>

<http://smusica.blogspot.com/2008/06/caetano-veloso-obra-em-progresso.html>.



Obra em Progresso – Caetano Veloso

http://www.obraemprogresso.com.br/

Começar Aqui Últimas Novidades onde? dedeblog Aleatório.fm Google BROGUE – o blog do ... [RAUL MOURÃO] .. overmundo : Apple >>

Arthur ... YouTu... industr... MPB Pl... Google... EGO – ... Obra... Projeto... YouTu...

OBRA EM PROGRESSO 50%

VISITE O SITE OFICIAL

CAETANO VELOSO

HOME SHOWS CONVIDADOS SOBRE

Busque aqui: » OK

De volta ao Rio

5/08/2008 6:12 pm

GABEIRA, gente! Quando Nelson diz que não vai votar em GABEIRA porque a democracia representativa falhou, o que quer dizer? GABEIRA é uma das poucas provas de que a democracia representativa não falhou. Ele não entrou no Congresso e para lá levou modernidade e honradez? Afinal, Nelson, o que foi que deu certo? A ditadura do proletariado? Acorda! GABEIRA é uma das provas (mas não a única) de que a democracia representativa não falhou. Temos os exemplos de Jefferson Peres e Pedro Simon. Temos Marina Silva. Mesmo parlamentares menos ímpeles contribuíram para o equilíbrio de forças dentro da sociedade. GABEIRA mostrou, além da coragem e firmeza na resistência contra a corrupção, visão aguda de fatos importantes: ele soube, por exemplo, medir o peso da presença do Exército Brasileiro no Haiti - e tirar as conclusões (ou as perguntas) pertinentes relativas à ação do exército na luta de superação do poder paralelo do crime. Enquanto outros queriam esconder os escândalos por quererem livrar a cara de Lula, ele enfrentou a questão (e sem destruir o que Lula significa). No caso da presença no Haiti, em vez de descartar a colaboração brasileira (decidida por Lula) com as forças da ONU, viu ali um dos aspectos positivos do governo. Ele estava certo nos dois casos. Muita gente não quer gostar de GABEIRA porque ele torna complicada (rica) a aprovação de Lula. Em geral é a mesma gente que despreza o que o Exército Brasileiro fez (e faz) no Haiti. Fingem que isso não é Lula. Isso é que é o bom Lula. GABEIRA representa tudo o que o Rio tem deixado de lado para cultivar Chagas Freitas, Garotinhos, Rosinhas e Crívelas.

Claro que na Rodada de Doha os países mais poderosos se fecharam de modo algo cínico, uma vez que os emergentes tiveram antes que aceitar tantas pressões para abrirem sua barreiras. Mas os ricos também perdem com isso. Eles vão ver. Eles não perdem é por esperar. Leio o Veríssimo mas também leio The Economist. Muitas vezes me sinto um liberal inglês. Estranhamento, no entanto, a referência feita pelo chanceler Amorim ao 11 de setembro em tom de ameaça me causou muito menos indignação do que em princípio me causaria. É que os resultados de Doha são tristes. E Amorim não estava simplesmente ameaçando, já que é fato que o 11 de setembro teve também como resultado um esboço de revisão de posições por parte dos super-poderosos. Escrevo tudo isso que me vem à mente - a respeito de tema tão complicado - em homenagem a Carolina (sei mal stata a Ferrara?) que lebrou que, na Itália, fazendo o "Cê" no ano passado, eu dizia: "in Brasile dicono que io parlo troppo". Non è forse, bella. È senza dubio. Io parlo troppo. In Francia io diceva: "dans le Brésil tout le monde dit que je parle trop". In Estati Uniti: "I am famous in Brazil for speaking too much". In Portogalo: "no Brasil eu tenho a fama de falar demais". É isso aí. Mas adorei saber que você também é, apesar de toda essa falação, tarada ni mim.

Lido i4.ytimg.com

SHOWS

Agosto 2008

	1	2
3	4	5
6	7	8
9	10	11
12	13	14
15	16	17
18	19	20
21	22	23
24	25	26
27	28	29
30	31	

CATEGORIAS

- » A Cor Amarela
- » Banda Cê
- » Base de Guantánamo
- » Concepção
- » Convidados
- » Curiosidades
- » Ensaios
- » Falso Leblon
- » Fidel Castro
- » Homenagem à Violeta Arraes
- » João Bosco
- » Noel Rosa

Na imagem acima, uma das páginas do Blog Obra em Progresso, de Caetano Veloso